

FALAS E FENDAS: CAMINHOS LITERÁRIOS PARA O SERTÃO



O sertão não é só terra, poeira ou cacto. Ele é corpo, memória e espírito. É chão ressequido e rio que corre silencioso. É a secura do vento que atravessa os ossos e o calor do sol que queima a pele, mas também é a ternura que se esconde nas mãos calejadas, nos olhares que se cruzam nas feiras e nos encontros furtivos das veredas. Ele não se dobra aos mapas nem às fronteiras; escapa como fenda aberta na história e na imaginação. É espaço de ausência e presença, de solidão e de comunhão, de dor e de beleza.

O sertão pulsa nos passos de quem caminha sobre a terra seca. Ele vive nas jornadas das retirantes, nos rostos marcados pelo tempo, na travessia dos rios e nas pedras que sustentam histórias. Cada vereda é um caminho de descobertas e perdas, cada árvore é testemunha do silêncio e do grito. Ele é geografia e metáfora, realidade e invenção, lugar de resistência e refúgio. O sertão é uma linguagem própria: fala no vento, na areia que escapa entre os dedos, no canto da noite, nos ritos antigos que atravessam gerações. É narrativa e poesia, é memória e sonho.

O sertão é corpo feminino e masculino, jovem e velho, ausente e presente. Ele se faz nas mãos calejadas que trabalham a terra e nas vozes que resistem à invisibilidade. Ele é feito das lágrimas das mães, dos passos das crianças que correm descalças, do suor dos homens e mulheres que cruzam caminhos áridos em busca de sustento, dignidade e liberdade. Ele é travessia e permanên-

cia, movimento e enraizamento. É resistência silenciosa e coragem explícita, é força que se dobra e não quebra, é fogo que aquece e queima, que transforma e revela.

O sertão é memória e invenção. Ele se inscreve nas palavras da literatura, nos contos, romances, cordéis, poemas e músicas que atravessam o país. É em cada frase que a imaginação se encontra com a realidade, em cada verso que o passado dialoga com o presente. Ele se faz nas histórias dos migrantes, nas lembranças de cidades pequenas, nas canções que falam de amor, de perda e de esperança. Cada narrativa que o percorre é ato de criação e preservação, gesto de resistência e afirmação.

O sertão é história viva. Ele se revela nas lutas travadas entre o homem e a seca, na resistência contra injustiças e desigualdades, nos conflitos de classe, nos duelos de poder. Ele está nas revoltas, nas batalhas silenciosas, nos mitos e nas lendas que atravessam o tempo. É espaço de memória coletiva, mas também de invenção individual, de criação artística e literária. É onde o humano se mostra em sua fragilidade e em sua grandeza, onde se aprende a suportar a dor e a transformar o sofrimento em beleza, em palavras, em imagens, em música.

O sertão é poesia e prosa. Ele se encontra na prosa que constrói mundos e na poesia que dá voz ao invisível. Ele pulsa nos cantos do cordel, nas narrativas de Guimarães Rosa, nas gravuras de Suassuna, nas crônicas de Ascendino Leite, nas canções de Milton Nascimento. Ele está na literatura que não apenas descreve, mas encarna, transforma, faz sentir e pensar. Ele é a própria linguagem do Brasil profundo: áspero, intenso, imenso e infinito.

O sertão é infinito. Ele se desdobra em cores, sons, odores e sensações: o azul do céu que se mistura com

a poeira; o vermelho do sol que incendeia as pedras; o cheiro da terra molhada após a chuva; o canto dos pássaros que corta a manhã; o eco das vozes que contam histórias de amor, perda e resistência. Ele é feito de imagens que se entrelaçam e se repetem, de memórias que atravessam gerações, de experiências que desafiam o tempo. É espaço de contemplação e de ação, de silêncio e de fala, de ausência e presença.

O sertão é travessia. Cada caminho percorrido, cada rio cruzado, cada vereda explorada é jornada de autodescoberta. Ele ensina sobre limites e liberdade, sobre o peso do mundo e a leveza da imaginação. Ele é liminaridade: lugar de transformação, vulnerabilidade e coragem. É no sertão que o sujeito se constrói e se reconhece, que se descobre na ausência e na presença do outro, na dor e na beleza do mundo.

O sertão é universal. Embora nasça do Nordeste, da Amazônia, das veredas do interior, ele transcende fronteiras. Ele é metáfora da condição humana, de suas lutas, paixões, desejos e impossibilidades. É lugar de ética e estética, de reflexão e criação, de resistência e invenção. É espaço onde o humano se encontra consigo mesmo e com os outros, onde a literatura revela o que é visível e o que está oculto, onde cada palavra se torna ponte entre memória, história e imaginação.

O sertão é fenda e pulsação, espaço que se abre e que acolhe, que rasga e que transforma. Ele está nas falas que resistem, nos gestos que atravessam o tempo, nas histórias que insistem em ser contadas. Ele é vida, morte e renascimento; é sombra e luz; é vazio e plenitude. Ele nos desafia a caminhar, a escutar, a sentir e a inventar.

Que Falas e Fendas seja, assim, mais do que uma coletânea: que seja travessia, que seja fenda aberta, que

seja o sertão pulsando dentro de cada leitor. Que ele revele o Brasil profundo, múltiplo, resistente, imaginativo e humano. Que, ao percorrer suas páginas, o leitor sinta a poeira sob os pés, o vento nas mãos, o calor e a secura, a dureza e a ternura, e descubra que o sertão não se lê apenas: ele se habita, se escuta, se sente e se vive.

O sertão está em nós. Ele é memória, invenção, resistência, travessia, presença e ausência. Ele corre nas palavras, no pensamento, na emoção, na poesia e na prosa. Ele é fenda, é caminho, é vereda. Ele não acaba. Ele se expande, se multiplica, se reinventa. Ele é infinito e é aqui, nestas páginas, que encontramos seu pulsar mais intenso, mais profundo, mais humano.

Os organizadores